



O Castro S. João das Arribas. Achegas para uma stória das Arribas. Parte I

Mónica Salgado¹

Pedro Pereira²

Resumo: As Arribas do Douro é uma das zonas dos mais espetaculares ao nível visual do Vale do Douro. O rio, que em Espanha atravessa um amplo território, algo tímido, atravessa montanhas, num caudal reduzido, mas imponente na sua monumentalidade. As falésias das arribas do Douro despoletam-nos um imaginário fabuloso, impresso na escrita de autores como Trindade Coelho, Guerra Junqueiro ou António Mourinho. No entanto, pouco sabemos sobre as gentes que aqui habitaram antes da construção do Castelo de Miranda, algures no século XI. O Projecto de Investigação sobre o Castro S. João das Arribas tem como objectivo principal desvendar algumas das histórias, através de campanhas de escavações arqueológicas e recolhas de depoimentos orais sobre o território de Miranda do Douro e, mais especificamente, de Aldeia Nova.

O Castro S. João das Arribas (Aldeia Nova, Miranda do Douro) é um sítio arqueológico classificado enquanto Monumento Nacional em 1910³, na primeira listagem de Monumentos Nacionais, e no decurso de uma política cultural nacionalista mais ampla no decurso da revolução republicana. É um dos primeiros castros transmontanos a ser classificado como monumento nacional, a par e passo com o Castro de Sacoias, em Bragança.

A definição de castro (e, por arrastamento, de cultura castreja) tem vindo a ser alterada ao longo dos tempos. As primeiras referências a estes termos para se referirem aos povoados fortificados da Idade do Bronze e Proto-História aparentam provir do final do século XIX. Dezenas de autores e investigadores, como Martins Sarmiento, Abel Viana, Mário Cardoso, Afonso do Paço ou Joaquim dos Santos Júnior utilizam o termo cultura castreja para definir uma série de povos que habitam em povoados fortificados e partilham uma série de paralelos culturais.

¹ Licenciada em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Minho. Arqueóloga da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

² Doutorado em História, Arqueologia e Línguas Antigas pela Université Lumière Lyon II. Arqueólogo e Investigador associado do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (FLUP/FCT).

³ A classificação de Monumento Nacional adota o topónimo da aldeia, Castro de Aldeia Nova, no Decreto de 16 de Junho de 1910.



Fig. 1 Implantação, a vermelho, (729 m de altitude) do núcleo urbano de Aldeia Nova e, a verde, o Castro S. João das Arribas (651 m de altitude)

Os dados existentes anteriores a 2016 permitem aferir que a ocupação do povoado fortificado aparenta iniciar-se durante a I^a Idade do Ferro (século VIII^o a V^o a. C.). Todavia, poderia existir uma presença humana anterior a este momento, uma vez que existem peças provenientes deste sítio que aparentam ter uma cronologia do início da Idade do Bronze no Museu Nacional de Arqueologia⁴. No início do século I^o da nossa Era, o castro, tal como aparenta suceder com a maioria destes povoados, sofre um processo de romanização.

O termo romanização, tal como o de cultura castreja, tem vindo a ser discutido extensivamente entre investigadores que se dedicam a estes temas. Enquanto que durante o século XIX e primeira metade do século XX fosse comumente aceite que o termo se referia a uma conquista e dominação militar e cultural dos povos indígenas, pelo menos para o território do Noroeste Peninsular. Esta interpretação é fomentada por vários elementos: a ascensão do nacionalismo, as colónias europeias pelo resto do mundo ou mesmo pela leitura de textos de autores clássicos. No entanto, hoje sabemos que o processo de romanização não foi veloz nem simples. Ao longo dos últimos anos, vários investigadores têm preferido conceder ao termo um cariz diferente, associando a questão da aculturação ou das trocas comerciais.

Esta alteração de paradigma é, mais uma vez, fruto do mundo em que vivemos, uma sociedade global, mas também bebe dos trabalhos arqueológicos que têm vindo a ser realizados e através dos quais observamos uma menor resistência genérica das populações indígenas a Roma. Será talvez no meio-termo das duas interpretações que encontraremos um consenso. Todavia, é ne-

cessário compreender que a chegada de Roma ao território peninsular irá alterar a forma de viver, pensar e produzir das sociedades aqui existentes.

Em 2016 iniciamos um projeto de investigação na zona do Castro de São João das Arribas. Este projeto, embora eminentemente centrado numa intervenção no subsolo, sob a forma de sondagens, pretende também realizar uma interpretação de como é que o espaço ocupado foi ocupado ao longo da história humana, desde a Pré-História até aos nossos dias. Em suma, pretendemos recolher elementos para podermos contar as histórias que o sítio encerra.

O Castro S. João das Arribas localiza-se numa paisagem montanhosa, envolvida pelas encostas acidentadas do Rio Douro, as denominadas Arribas do Douro, na extremidade do planalto mirandês.

O Castro S. João das Arribas é um local único, tanto em termos paisagísticos tanto em termos histórico-arqueológico construídos. Francisco Sande Lemos⁵ e Domingos Marcos⁶ assinalam nas suas obras a importância histórica considerável do local no contexto do Nordeste Peninsular. Localiza-se no concelho de Miranda do Douro, na freguesia de Miranda do Douro e pertence ao termo de Aldeia Nova. O acesso ao Castro de São João das Arribas é feito por um estradão em terra batida desde o término de Aldeia Nova. Situa-se⁷ em meio rural, implantado num esporão virado a Sudeste e desenvolve-se a meia encosta, coberto de

5. LEMOS, 1993.

6. MARCOS, 1998.

7. Figura 1, fonte: BingMaps (<http://www.bing.com/maps/>). Adaptado por Mónica Salgado.



Fig. 2 Exteriorda Capela de São João das Arribas



Fig. 3 Interior da Capela de São João das Arribas



Fig. 4 Pormenor de um recipiente com cereal queimado



Fig. 5 Sondagem realizada na Capela São João das Arribas

vegetação rasteira e árvores de pequeno porte (carrasqueira, freixo, carvalho, oliveira, tomilho e escova), sobranceiro ao Rio Douro. Encontra-se inserido no Parque do Douro Internacional⁸, sendo também o lar de inúmeras espécies de aves, das quais se salientam o grifo ou a águia-real, de flora e de outros animais.

“O sítio era delimitado por uma estrutura defensiva, constituída por duas linhas de muralhas, construídas com silhares graníticos, partidos, assentes em seco, em aparelho irregular; possuem uma espessura máxima de c. de 2,5 m, e defendem o povoado de N. a SO., flanco em que o povoado está ligado à encosta, não apresentando estruturas defensivas no sector SE., sendo estas constituídas pelas arribas, de forte pendor, sobre o Rio Douro. A muralha interna está reforçada, a NE. Por um torreão de planta circular, apresentando, nesta zona, uma rampa de entrada. O sistema defensivo é complementado por uma linha defensiva, a SO., assim como poderá ter existido um fosso exterior, actualmente entulhado pelo caminho de acesso à capela.”⁹

Na zona do Castro foram identificados fragmentos de material de construção de tipo tegula e imbrex, epígrafes em granito, embora sem inscrição, calcário e mármore, fragmentos de cerâmicas comuns de diversas épocas; um conjunto de estelas funerárias romanas, com cabeceira semi-circular, decoradas com suásticas ou com portadas e cujas inscrições evidenciam a adoção, por parte dos indígenas, de nomes e cognomes latinos.

Num patamar do esporão onde se encontra o Castro de São João das Arribas encontra-se implantada a capela de S. João das Arribas. Embora se desconheça a data da sua fundação, esta deverá situar-se entre o século XVI e primeira metade do século XVIII.

Segundo fontes orais¹⁰ existia um muro espesso entre a capela e o muro atual, localizado a Este, erguido há cerca de 60 anos, reutilizando as pedras graníticas do castro e, uma das quais de grandes dimensões, com uma cova arredondada de grande dimensão¹¹ (utilizada em ritual? Possível fossete?). Na base de dados dos monumentos nacionais portugueses, a capela é assim descrita: “Esta, dedicada a São João, tem planta longitudinal, de corpo único rectangular e massa simples com cobertura em telhado de duas águas. Fachadas rebocadas e caiadas. Fachada principal, virada a S., terminada em empena truncada por cruz latina sobre pedestal prismático, com portal de arco de volta perfeita. Fachada E. rasgada por pequeno janelo rectangular. Fachadas N.

8. Diário da República n.º 108/1998, Série I-B de 1998-05-11

9. JANA, E.; RODRIGUES, M. e AMARAL, P. Castro de Aldeia Nova. Área de Recursos Electrónicos, Pesquisa de Património Arquitectónico. Forte de Sacavém. (Consult. 20 Jun. 2016) Disponível em: DGMN (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=545).

10. Sr. Esmeraldino Fernandes e Sr. João Pedro Luís, moradores em Aldeia Nova, Miranda do Douro. Entrevistados a 4 de Maio de 2015.

11. A funcionalidade da cova é incerta. Se existe a teoria de que esta poderá ter sido utilizada em rituais religiosos, poderá também ser simplesmente parte de uma estrutura, descontextualizada, ou ainda parte de uma estrutura de transformação.

e O. Cegas¹². O dia principal de comemoração litúrgica católica da Capela de São João das Arribas, S. João Evangelista, é tradicionalmente no dia 6 de Maio. Todavia, se se este não coincide com um Domingo, a festa realiza-se no Domingo seguinte. Na segunda metade do século XIX, a capela foi alvo de uma extensiva reconstrução, sendo ainda possível ver traços dos frescos anteriores no altar”.

Em 2010, foi realizada uma sondagem arqueológica no interior da capela¹³ com o propósito de averiguar a existência de quaisquer vestígios, materiais ou construtivos, e a sua salvaguarda, uma vez que o piso atual seria substituído. Nesta sondagem arqueológica foi possível aferir a existência de um piso antigo, piso inicial da capela; várias sepulturas construídas com recurso a lajes; a vala de fundação da capela, que corta as sepulturas medievais/modernas; e duas paredes cortadas também pelas sepulturas. Estas duas últimas estruturas são as evidências mais antigas encontradas no castro, datável pelo menos de época romana, devido aos elementos cerâmicos associados.

Hermínio Bernardo, num estudo publicado com colegas espanhóis, defende a existência de um santuário no castro¹⁴. Existem rochas com áreas rebaixadas em esquadria, tipo escalo e ambas as rochas, ou “altares” estão orientados a Poente. Este estudo associa ainda a estas rochas as covinhas circulares existentes em penedos próximos. Hermínio Bernardo

12. JANA, E.; RODRIGUES, M. e AMARAL, P. Castro de Aldeia Nova. Área de Recursos Electrónicos, Pesquisa de Património Arquitectónico. Forte de Sacavém. (Consult. 20 Jun. 2016).

13. SALGADO, 2010.

14. BENITO DEL REY, L., BERNARDO, H. A., RODRÍGUEZ, M.S., 2003: 455 - 468.



Fig. 6 Rochas graníticas com cortes de mão humana



Fig. 7 Esconderijo de contrabando



Fig. 8 Interior do esconderijo de contrabando



Fig. 9 Curriça de António Manuel Luís



Fig. 10 Implantação dos sítios de passagem de contrabando em torno do Castro de São João das Arribas. Fonte: Google Earth Pro e Adaptado por Pedro Pereira.

descreve ainda uma gravura serpentiforme numa rocha próxima. Todavia, pensamos tratar-se apenas de uma deformação natural. No que concerne aos escalões nas duas rochas, existe de fato uma intenção no seu alisamento.

Na campanha de 2018 contamos realizar uma sondagem na zona para tentar esclarecer esta questão.

Na campanha de 2016 do Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia Castro S. João das Arribas, foram identificadas estruturas baixo-imperiais e alto-medievais, entre os séculos III^o e X^o da nossa Era, com pequenos indícios apontando para uma ocupação mais antiga. Na campanha de 2017 foram descobertas novas estruturas da época alto medieval, salientando-se uma calçada em pedra, um possível lagar de vinho romano reutilizado para armazenamento de cereal, um silo e uma lareira de período romano.

No entorno do castro situa-se uma curriça, pequena estrutura coberta, que serviu de esconderijo e refúgio para a atividade de contrabando realizada durante a ditadura na zona raiana. São também notórios os chibiteros, estruturas associadas à pastorícia, utilizadas para a guarda das ovelhas prenhas e suas crias.

O contrabando realizava-se no Castro por várias pessoas de Aldeia Nova, a povoação mais próxima, entre elas, José Augustino Luís e António Manuel Luís, respetivamente o avô e o pai de João Pedro Luís, fonte oral primária dos dados que recolhemos relativamente a este tema. António Manuel Luís tinha uma curriça de cabras junto ao Castro S. João das Arribas onde guardava o contrabando, um orifício na parede com cerca de 1 m de comprimento, 50 cm de largura e aproximadamente 40 cm de altura. Esta abertura da parede era selada por ele com uma pedra que cabia na perfeição e selava o local. Os militares da Guarda Nacional Republicana tinham

conhecimento que ele guardava nessa curriça o contrabando mas sempre que se deslocavam ao local, não conseguiam descobrir o esconderijo.

De Portugal para Espanha eram contrabandeadas sobretudo armadilhas de coelho e ovos, enquanto que, de Espanha para Portugal, eram trazidas pana e foices de cegada, entre outros.

“Uma vez, «l tiu Agustin» de Aldeia Nova, foi a uma festa em honra de São Mamede, em Villardiega de la Ribera. Como era proibido aos portugueses deslocarem-se a Espanha sem os trâmites legais, eram detidos e levados à fronteira de Portugal, ao local chamado Estacas. Ele e algumas pessoas foram vistos na festa, e logo os carabineiros o apanharam e levaram-no para a casa do Ayuntamiento, a Junta.” (LUÍS, 2013).

Existiam vários locais de passagem, o Culagon, imediatamente abaixo do Castro de S. João das Arribas, o Amarradero de las Cuordas e Silbeirona. Nestes pontos eram amarradas cordas de um lado ao outro e por elas passavam o contrabando e as pessoas. Este sistema era usado sobretudo no Inverno. No Verão e Outono, com o rio baixo, as pessoas cruzavam a pé, não só para contrabandear mas também para ir às romarias, fosse a Portugal fosse a Espanha. Os locais de passagem pedonais denominavam-se Estacas, Requeixo e Medronhal.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de - O problema da Origem e da Sobrevivência das Villae Romanas do Norte do País. In Sociedade Martins Sarmento: Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, vol. III, Barcelos: Editora Minho, 1980, p. 171-179.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de Almeida - A paróquia e o seu território. In Cadernos do Noroeste. Cadernos Interdisciplinares, vol. I, Braga, 1986, pp. 113-130.

ALVES, Francisco Manuel - Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança, Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus – Museu Abade de Baçal, 2000.

BENITO DEL REY, Luis, BERNARDO, Hermínio Augusto, RODRÍGUEZ, Marciano Sánchez - Santuários Pré-Históricos de Miranda do Douro (Portugal) e no seu entorno Zamora e Salamanca (Espanha). Miranda do Douro : Câmara Municipal de Miranda do Douro, 2004, ISBN: 9729371164 9789729371165.

BERNARDO, Hermínio Augusto - Povoados castrejos portugueses e espanhóis da Bacia do Douro Internacional. In Brigantia, vol. 9, n.º 1, Bragança, 1989, p.25-27.

BOUHIER, Abel - La Galice. Essai géographique d'analyse et d'interprétation d'un vieux complexe agraire, La Roche-Sur-Yon, 1979.

CAPELA, José Viriato Eiras - As freguesias do Distrito de Bragança nas memórias paroquiais de 1758: memórias, história e património. Portugal nas memórias paroquiais de 1758, vol. 4, Universidade do Minho. Braga, 2007.

CARDOSO, Luís - «Aldeia Nova». In Diccionario geografico ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas, que escreve, e offerece ao muito alto, e muito poderoso rey D. João V nosso senhor, Tomo I, 1747, p. 222.

CORTEZ, Fernando de Russel - Panóias. Cidade dos Lapiteas. Subsídios para o estudo dos cultos orientais e da vida provincial romana na região do Douro, Separata dos Anais do Instituto do Vinho do Porto, Porto: IVP, 1947.

COSTA, Avelino de Jesus da - O Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga, Coimbra. 1959.

CRIADO BOADO, Felipe - Asentamiento megalítico y asentamiento castreño: una propuesta de síntesis, In Gallaecia, vol. 11, 1989, p. 109-138.

DAVID, Pierre - Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle, Collection Portugaise, vol. 7, Lisboa: Livraria Portugal, 1947, p. 1-82.

DE MAN, Adriaan - Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense. In Revista Portuguesa de Arqueologia. v. 7, n.º 2, 2004, p. 459-471.

DELGADO, Manuela e MORAIS, Rui - Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta. Braga: CITCEM, 2009.

DIAS, Lino Tavares - Tongóbriga. Lisboa: IPPAR, 1997. ISBN: 972-8087-36-5.

DINIS, António Pereira, GONÇALVES, Emanuel - Projeto de Investigação e Valorização do Castelo dos Mouros (Vilarinho dos Galegos, Mogadouro): ponto de situação. In Actas do I Encontro de Arqueologia de Mogadouro. Mogadouro: Município de Mogadouro, 2013, p. 51-78.

ESPARZAARROYO, Ángel - Los castros de la Edad del Hierro del Noroeste de Zamora. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos Florian de Ocampo. 1987. ISBN: 84-505-6475-1.

FERNANDES, Hirondino da Paixão - Bibliografia do Distrito de Bragança, Série Documentos, Documentos (textos) publicados 569-1950, Tomo I, Bragança: Arquivo Distrital de Bragança, 1996.

FÉRNANDEZ OCHOA, Cármen (coord.) - Manual de cerâmica romana II - Cerâmicas romanas de época altoimperial en Hispania: importación y producción. Madrid: Museo Arqueológico de la Región de Madrid, 2015. ISBN: 9788445135198.

SÁNCHEZ-PALENCIA, Francisco-Javier, BELTRÁN ORTEGA, Alejandro, ROMERO PERONA, Damián, PECHARROMÁN FUENTE, Juan Luis, SASTRE PRATS, Inés - Proyecto: MINERÍA Y CIVIDADES DEL NORESTE DE PORTUGAL (MinCiNEP IV) Memoria de la campaña 2014- 2015. Es realizado por GI Estructura Social y Territorio - Arqueología del Paisaje, Instituto de Historia, CCHS del CSIC. Inédito.

GARCIA, José Manuel - Religiões antigas de Portugal. Aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de Leite Vasconcelos. Fontes Epigráficas. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1991. ISBN: 978-9722704809.

JANA, Ernesto; RODRIGUES, Miguel e AMARAL, Paulo - Castro de Aldeia Nova. (Consultado a 20 Jun. 2016) Disponível em: DGMN (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=545).

HARRIS, Edward - Principles of Archaeological Stratigraphy. London & New York: Academic Press, (1989). ISBN: 978-0123266514.

HENZEN, Wilhelm - Ephemeris Epigraphica, Vol. 8: Corporis Inscriptionum Latinarum Supplementum; Accedunt Tabulae duae (Classic Reprint) (Latin Edition), Deutsches Archäologisches Institut. 2018. ISBN: 978-1333198398.

LE MOS, Francisco Sande - Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental, dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga, 1993, p. 202 - 206. Policopiada.

LE MOS, Francisco Sande e MARTINS, Carla Brás - Mineração antiga no Nordeste Transmontano. In SÁNCHEZ-PALENCIA, Francisco Javier (coord.) Minería romana en zonas interfronterizas de Castilla y Leon y Portugal. Junta de Castilla y Leon, Consejería de Cultura y Turismo, 2012, p. 63-86. ISBN: 9788469715796.

LE ROUX, Patrick - L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste a l'invasion de 409, Paris: De Boccard, 1982, p. 224. ISBN: 978-2701800028.

LUÍS, João Pedro - Antiga Aldeia, Nova Aldeia, Aldeia Nova. Miranda do Douro: Tipalto: Tipografia do Planalto, 2013.

MARCOS, Domingos dos Santos - Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (Romanização). Brigantia, vol. 18 n.º1-2, Bragança, 1998, p. 2-111.

MARQUES, José - A arquidiocese de Braga no séc. XV. Lisboa: INCM, 1988.

MARTINS, Manuela - As Vilas do Norte de Portugal. In Revista de Guimarães, Vol.º 102, 1992, p. 391-410.

MATTOSO, José - A História das Paróquias em Portugal, In Portugal Medieval. Novas Interpretações, Coleção Temas Portugueses, Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1984, p. 17-56. ISBN: 9722705113.

PEREIRA, Pedro - A importância da Arqueologia para a história da vinha e do vinho na região do Douro. In Actas das 3as Conferências do Museu de Lamego. Lamego: CITCEM/Museu de Lamego. 2015, p. 141-149.

PEREIRA, Pedro - Estrangeiros no Vale do Douro - os romanos na transduriana provincia. In Actas das 4as Conferências do Museu de Lamego. Lamego: CITCEM/Museu de Lamego. 2016.

PEREIRA, Pereira - O Mundo Rural Romano no Vale do Douro Português. In DIAS, Lino Tavares e ALARCÃO, Pedro (coord.) Construir, Navegar e (Re)Utilizar o Douro na Antiguidade - Actas do Congresso. Porto: CITCEM/DRC-Norte. 2018. No prelo.

SALGADO, Mónica e PEREIRA, Pedro - Relatório de campanha de 2016 do Projeto de Investigação no Castro de São João das Arribas. 2017. Policopiado.

SALGADO, Mónica - Relatório da Intervenção arqueológica realizada na Capela de São João das Arribas. 2010. Policopiado.